Subsídio para a História da Tauromaquia em Moura

A história da Tauromaquia entrelaça-se, senão mesmo se confunde, em muitos casos, com a história de muitas vilas e cidades portuguesas. A Moura está a Tauromaquia ligada por episódios, factos e acontecimentos históricos muito significativos e importantes. Daí que aqui se registe, desde há séculos, a presença de corridas de toiros. A mais antiga que se conhece data de 1573, organizada em honra do rei D. Sebastião, por motivo da visita deste monarca a Moura.

Sobre essa corrida pode ler-se, na obra de Francisco Sales Loureiro, com o título "Uma jornada ao Alentejo e Algarve", baseada em textos de cronistas da época, João Cascão: "Domingo, 8 de Fevereiro, ouviu el-rei missa e pregações em Moura num mosteiro de freiras da advocação de Nossa Senhora da Piedade da Ordem do Carmo; pregou um apóstolo de dois que, ao presente, se aqui acharam. O Senhor D. Duarte a ouviu com ele; saindo da missa foi ver o curro, donde haviam de correr os touros, e daí disse que os levassem pelas melhores ruas da vila. Vistas as ruas, foi a sua casa jantar; às duas horas foi ver os touros de um eirado e o senhor D. Duarte, o duque de Aveiro e muitos fidalgos. Os toureiros de cavalo foram os alferes-mor, Cristóvão de Távora, Francisco de Távora, Luís Álvares de Távora e Rui Teles, moço de câmara de el-rei, o qual fez algumas sortes boas e os mais. Os touros foram mansos. Acabados os touros, foi passeando el-rei a cavalo até junto do Odiana, que será da vila meia légua e já de noite se recolheu. O senhor D. Duarte andou vendo as formosas — e o duque de Aveiro com ele — foi um pedaço fora da vila passeando. No castelo houve de noite muitas luminárias".

A partir de então, e sobretudo ainda durante o reinado de D. Sebastião, celebraram-se em Moura diversas corridas de toiros, com a participação de nobres portugueses e espanhóis.

Segundo António Rodovalho Duro, na "História do Toureiro em Portugal" (edição de 1913), "Estas corridas atraiam muita gente de todo o Alentejo". O local onde se realizavam é incerto, segundo Eduardo de Noronha, na sua obra "História das toiradas", editada no ano de 1900 pela Companhia Nacional Editora em Moura, "O povo, sempre acompanhado por alguns membros da nobreza local, costumava correr toiros em especial nas alturas festivas, em praças improvisadas". Mas como acontecia em muitas outras vilas e cidades, elas deviam ter lugar fora dos muros do castelo, em campo aberto, talvez nos terrenos onde hoje existe a praça Sacadura Cabral.

Não obstante a falta de referências sobre o que foram as corridas de toiros em Moura entre os séculos XVII e XIX, sabe-se que D. Miguel I, antes da guerra civil, por aqui, participou em algumas corridas. Entretanto, a partir de então, grande parte das corridas deram-se clandestinamente no reinado de D. Maria II, que não nutria por elas nenhuma simpatia. Daí que se tenha que concluir que se exibiram em Moura todos os nobres que então, por diversão ou prova de valentia, praticavam a lide de toiros em praça.

Aos poucos, as corridas de toiros foram perdendo o seu cunho aristocrático e, como consequência, foram os locais das suas realizações afastando-se dos terreiros dos castelos. Foi assim que em Moura passaram para uma cerca, onde então ficava o gado que vinha para as feiras, situada a poente da vila. Esse terreno foi posteriormente adquirido pelo sr. José Madeira, natural de Pedrógão mas residente em Moura, que nele levantou uma praça de toiros fechada. A referida praça, que é a actual, foi iniciada no ano de 1890, sendo feita por fases, com materiais de construção usados na zona, nomeadamente a taipa.

Com as condições mínimas, a praça foi inaugurada no ano de 1891 (cumprindo este ano um século de existência), com um cartel de que se desco-



Manuel dos Santos, no ano de 1953, brinda Moura com uma grande faena...

nhece a sua total composição, sabendo-se apenas que actuou a cavalo um dos membros da famosa dinastia dos Mascarenhas.

Durante o rigoroso inverno de 1892 ruiu grande parte da barreira de sombra, recorrendo o proprietário à edilidade local para que apoiasse a sua recuperação. Em acta de reunião de Câmara, datada de 27-4-1893, pode ler-se:

"... Foi aprovado o auxílio económico para as obras de reconstrução... O plano de obras foi aprovado por unanimidade".

Embora nos anos imediatos às obras se tenham organizado festejos, o primeiro de que temos conhecimento, com precisão, data de 8 de Setembro de 1901. O cartel dessa corrida foi o seguinte: toiros de Soller, para os cavaleiros Morgado de Covas, Joaquim Alves e Manuel Mourisca, pegando os forcados da cidade de Évora. Em "A Província", jornal que então se publicava na vila, apareceu esta resenha da corrida: "grande expectativa, não só em Moura mas em toda a região, para presenciar a actuação do Morgado de Covas, pelo que a praça encheu. A corrida resultou agradável, e o dito Morgado lidou com grande desembaraço(...) Grande sensação também a pega do forcado de Évora, Albino".

Precisamente naquele ano, o sr. José Madeira, por motivo do nascimento de sua neta, D. Luísa Barreto, ofereceu a praça ao seu genro, sr. António Fialho Barreto.

Em 1920 foi adquirida pelo sr. Francisco Correia Caeiro, por 1 500 escudos, conforme consta na Conservatória do Registo Predial de Moura. Por sua vez, este vendeu-a em 1931, pelo valor de 13 000 escudos, ao Dr. Alberto Pinto Gouveia, de Lisboa. Posteriormente, foi adquirida pelos srs. José Romão Joaquim Fernandes Costa e João de Figueiredo.

Mais tarde, o sr. José Romão comprou as quotas destes últimos, integrando-a na empresa Cine-Mourense, de que era proprietário, em sociedade com o sr. José Miguel Farinha.

Hoje inactiva, por falta de segurança, a praça de toiros de Moura não deixa de ter um historial que a coloca a par das mais prestigiadas do país. Pela sua arena, não apenas passaram grandes figuras do toureiro, como foi cenário de acontecimentos únicos no campo tauromáquico.

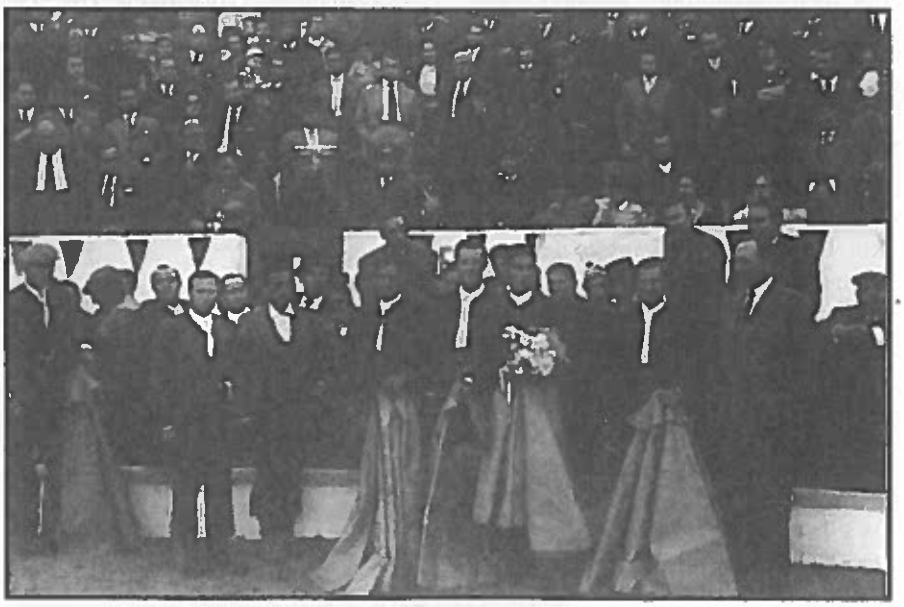
Entre estes, recordamos que foi das praças portuguesas onde se lidaram, mais toiros de Soller, ganadaria mãe das principais ganadarias espanholas. Com especial destaque, lidaram-se nos anos de 1901, 1935, 1945, entre outros. Também, e ainda no campo ganadeiro, foi nesta praça que se estreou a ganadaria mourense do sr. Francisco Correia Caeiro, que pastava na Defesa de S. Brás, e que chegou a ter, a nível do país, certa projecção.

Aconteceu essa estreia no dia 8-9-1924 (primeiro dia da feira de Setembro), em corrida cuja cartel era composta a cavalo por João Mendes Núncio e a pé pelo matador espanhol Salvador Balfagón "Alfarero". Nessa corrida, Luciano Moreira lidou um toiro em pontas e Eduardo Cebola fez o salto da garrocha. Os forcados foram os Amadores de Moura, capitaneados por Carlos Pilé.

Em corridas formais, Moura pôde ver, além de todas as figuras do toureiro apeado português, muitas das principais do país vizinho. Por curiosidade, a primeira de que se tem conhecimento é precisamente uma mu-



...Manuel dos Santos, depois do Triunfo, é levado em ombros "Salúquia" abaixo até ao hotel



O "aficionado" Mourense Joaquim Raposo junto de vários toureiros espanhois, por ocasião do Festival realizado em Moura em 1961.



Em tarde de praça cheia "Mondeño" sai pela porta grande

lher, a famosa "La Reverte", que aqui actuou como única espada no ano de 1903. Seguiram-se "Tito de Málaga", (1904), "Morenito de Algeciras" (1905), António Burgos "El Malagueño" (1908), Salvador Balfagón "Alfarero" (1924), "Niño de la Isla " (1945) e o malogrado "Carnicerito de México". Em festivais que aqui se organizaram nos anos de 1958, 1961 e 1963, actuaram Pepe Luís Vasquez, "Mondeño, "Litri", "Limeño", "Chamaco", António e Juan "Bienvenida", Victoriano "Valência", Gregório Sanchez, José Maria Clavel e o venezuelano Efrain Girón. De registar ainda que foi em Moura que se apresentou pela primeira vez em público, então com o nome de Francisco Conceição, o que veio a ser valoroso matador de toiros português, Francisco Mendes. Mais tarde, veio também este toureiro a sofrer, na praça de toiros de Moura, a sua primeira colhida grave. De salientar ainda, como acontecimento curioso, a colhida sofrida pela toureira espanhola Carmen Marin, aquando da sua actuação aqui no ano de 1944. E já que estamos em maré de colhidas, foi ainda em Moura que Fernando Segarra, um dos novilheiros portugueses mais promissores de sempre, foi colhido com tal gravidade, no ano de 1948, que lhe curtou definitivamente o ânimo.

A nível de cavaleiros, passaram pelo "ruedo" da praça de Moura, ao longo dos tempos, todos os de grande nomeada. Para lembrar alguns dos nomes mais antigos, já que os recentes estão bem na nossa memória, citamos os de Morgado de Covas e Manuel Mourisca (1901), José Casimiro (1908) D. João Mascarenhas (1917), Manuel Mascarenhas Atayde (1933), Alberto Luís Lopes (1944) e Conchita Cintron (1947). Também aqui actuaram, mas estes por várias vezes, Simão da Veiga e João Branco Núncio. De salientar a apresentação em Moura do primeiro destes, no dia 8-9-1933, visto que o seu toureiro, revolucionário na época, causou um êxito impressionante. O "Jornal de Moura", fazendo eco dessa impressão, escrevia: "O público rejubilou com a actuação de Simão da Veiga, vibrando com o arrojo das sortes...".

Também a nível de forcados, Moura se pode orgulhar de ter conhecido os Grupos mais credenciados de todas as épocas. Lembrando alguns dos mais antigos, aqui pegou toiros, nos finais do século passado, o grupo do célebre forcado da vizinha freguesia de Pias, António Sousa Pinto, a quem Jayme Duarte de Almeida, na sua obra "História da Tauromaquia" se refere como "(...) notável forcado amador"; os Grupos profissionais, como o de



Luís Miguel da Veiga nas "cortezias" em mais uma tarde de toiros em Moura

Lisboa, de Matias Leiteiro, o do célebre José Luís, e todos os amadores de prestígio.

Não é este, longe disso, um trabalho exaustivo sobre a tauromaquia em Moura. Se alguma importância possui é como demonstração de que ela tem aqui raízes muito profundas. Essa demonstração vale tanto mais num momento, como é o actual, em que o futuro da praça de toiros é tão incerto. O seu eventual desaparecimento tem de ser avaliaado muito para além do desaparecimento de um imóvel. Ele significará, muito em especial, a ruptura com um valor — a Tauromaquia — que, queira-se ou não, faz parte como poucos da história e da cultura de Moura.

Lopes Fernandes
Dr. José Chaparro